

A NUÁRIO / 2021

DA SUINOCULTURA INDUSTRIAL

ISSN 2177-8930

Nº 06/2020 | ANO 43 | Edição 297 | R\$ 45,00

Gessulic
AGRIBUSINESS
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO



Um milhão de toneladas exportadas!

Suinocultura brasileira bate recorde pelo segundo ano seguido nos embarques de carne suína. Contexto sanitário internacional, logística operando normalmente na pandemia e fatores como a alta do dólar foram decisivos para este resultado



ACESSE A VERSÃO DIGITAL
DESSA EDIÇÃO

PANORAMA DA SUINOCULTURA

A demanda do mercado chinês impulsionou as exportações de carne suína brasileira em 2020

Por Franco M. Martins¹ e Dirceu J. D. Talamini¹

A Peste Suína Africana (PSA), iniciada na China na segunda metade de 2018, tem causado grande impacto na produção, consumo e no comércio mundial de proteína animal. Os dados publicados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), mostram uma significativa redução na produção mundial de carne suína. Em 2018 a produção mundial desta carne atingiu o patamar recorde de aproximadamente 113 milhões de toneladas. No entanto, a produção caiu para 102 milhões de toneladas em 2019 e, em 2020 deve alcançar não mais do que 98 milhões de toneladas. Essa situação de redução de oferta se refletiu no crescimento da produção das carnes de frango e bovina. O maior crescimento foi percebido na carne de frango, onde o ciclo de produção é mais curto, o que possibilita à cadeia produtiva responder com mais rapidez às alterações na demanda. Assim, em 2020, a produção mundial de carne suína deverá ser superada pela de carne de frango (Figura 01).

PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PAÍSES

Para entender o que está ocorrendo no mercado mundial de carnes é indispensável verificar o efeito da PSA na produção de suínos da China. Em 2018, último ano de normalidade da suinocultura chinesa, a produção no país atingiu 54 milhões de toneladas, cerca de 48% da produção mundial. Em 2019 a produção do país caiu para 42,5 milhões de toneladas e no ano seguinte para 38 milhões de toneladas (Tabela 01). A previsão é de que se inicie em 2021 a recuperação do seu crescimento, quando a produção deve alcançar 41,5 milhões de toneladas. As informações disponíveis indicam que duas iniciativas complementares estão em curso visando a recuperação da produção chinesa. A primeira refere-se à eliminação dos rebanhos infectados com o descarte dos animais. A segunda, trata da recuperação da capacidade de produção de suínos do país com a implantação de novas criações, com tecnologia avançada, substituindo os pequenos rebanhos, de baixo uso de tecnologia, que foram eliminados. O país ainda deve ter sua produção reduzida em 10,7% em relação a 2019. No entanto, o USDA estima um crescimento de 9,2% em 2021, com a produção do país chegando 41,5 milhões de toneladas (Tabela 01).

A produção da União Europeia (UE) em 2020 deve se manter estável em relação a 2019. Para 2021 o crescimento projetado é de apenas 0,6% e a quantidade total produzida deve alcan-

çar, segundo o USDA, 24,15 milhões de toneladas. A produção dos Estados Unidos em 2020 deve totalizar 12,77 milhões de toneladas, representando um crescimento de 1,9% em relação a 2019. Para 2021, o USDA projeta um crescimento marginal de 1,25% e a produção deve alcançar 12,9 milhões de toneladas. O Brasil, puxado pelas exportações, deve fechar 2020 produzindo 4,13 milhões de toneladas, crescendo 3,8% em relação a 2019. As estimativas para 2021 apontam para a manutenção do ritmo de crescimento, atingindo um volume total de 4,28 milhões de toneladas (+3,6%). A Rússia mantém firme a sua estratégia visando autossuficiência. Entre 2016 e 2020, a produção do país teve uma taxa anual média de crescimento de 5,8%. Segundo o USDA a Rússia deve produzir 3.52 milhões de toneladas em 2020. Para 2021 as projeções indicam um crescimento de 2.3% com a produção chegando a 3,6 milhões de toneladas. Esse país, que até recentemente era importador líquido, vem também abrindo e expandindo mercados para suas exportações. A produção do Canadá deve chegar a 2.11 milhões de toneladas em 2020, crescendo 5.5% em relação a 2019, e se manter estável em 2021. No Vietnã, a PSA deve impactar numa perda de 5,9% na produção de



Figura 01. Produção mundial de carnes entre 2016 e 2019 e estimativas para 2020 e 2021 - milhões de toneladas (USDA)

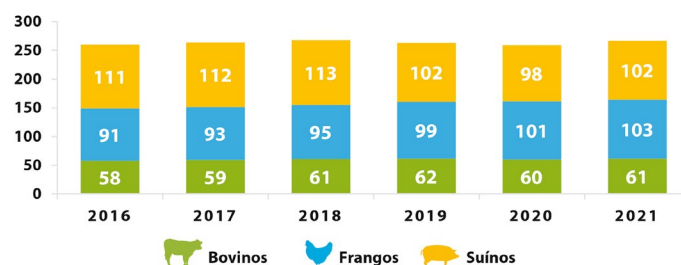
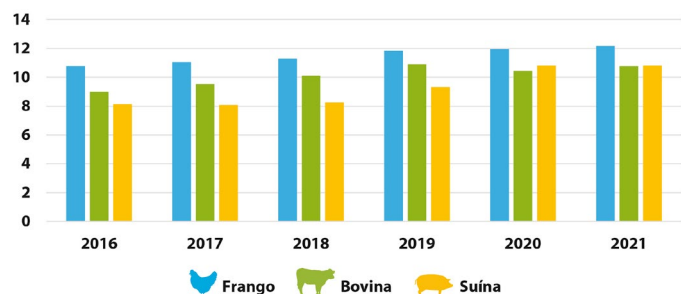


Figura 02. Exportações Mundiais de carnes entre 2016 e 2019 e estimativas para 2020 e 2021 - milhões de toneladas (USDA)



2020 em relação a 2019. Para 2021, os esforços de recuperação deverão implicar num acréscimo de 4,9% e a produção deve chegar a 2,35 milhões de toneladas. Também decorrência da PSA, as Filipinas tiveram perdas próximas de 20% em 2020. Em 2021, o USDA projeta um crescimento de 5,9% e a produção deve alcançar 1,35 milhão de toneladas.

EXPORTAÇÕES MUNDIAIS

O mercado internacional, comparando-se os volumes exportados nos últimos anos, deve ter um comportamento diferenciado para cada tipo de carne (Figura 02). Entre 2016 e 2020, as exportações globais de carne frango e carne bovina cresceram, respectivamente, 11% e 16% e devem crescer 2% (frango) e 3% (bovina) em 2021. As exportações de carne suína, ancoradas principalmente pelas compras da China, cresceram cerca de 32% no período 2016-2020. Em 2020 a China importou 4,8 milhões de toneladas, praticamente dobrando o volume importado em 2019. Este cenário permitiu aos principais países exportadores aumentar sobremaneira suas exportações (Figura 03). Em termos relativos, o Brasil foi o país que mais tirou proveito deste cenário, aumentando os volumes exportados em aproximadamente 40% até o mês de outubro. Em termos absolutos, o maior crescimento foi dos Estados Unidos, que deve fechar 2020 exportando quase 470 mil toneladas a mais do que em 2019. Para a União Europeia, o incremento deve ultrapassar as 390 mil toneladas.

Ao final de 2019 as projeções do USDA apontavam para um crescimento de 10% nas exportações mundiais em 2020, em resposta às perdas causadas pela PSA na China e em outros países da Ásia. No entanto, os embarques devem crescer 16% e chegar a 10,82 milhões de toneladas.

As estimativas para 2021 apontam para uma estabilização nas exportações globais. Esta desaceleração deve-se principalmente à gradual recomposição da produção na China, conforme apontado anteriormente, fazendo com que o país desacelere as importações. Segundo o USDA, a China deverá reduzir em 300 mil toneladas as importações em 2021. O país deverá importar 4,5 milhões de toneladas, quantidade 6,3% menor do que a importada em 2020. Entre 2019 e 2020 a China aumentou de 29% para 50% a sua participação nas importações globais (Figura 04). Em 2021, a se confirmarem as projeções do USDA, esta participação deverá cair para 45%. No cenário global, parte da redução nas importações da China deve ser compensada pelo aumento das importações de compradores como Japão (+1.4%), México (+3.6%), Coreia do Sul (+7.9%) e Estados Unidos (+8.6%). O acréscimo nas importações destes países, no total, será próximo de 190 mil toneladas.

Figura 03. Exportações de carne suína em 2019 e estimativas para 2020, principais países - milhões de toneladas (USDA)

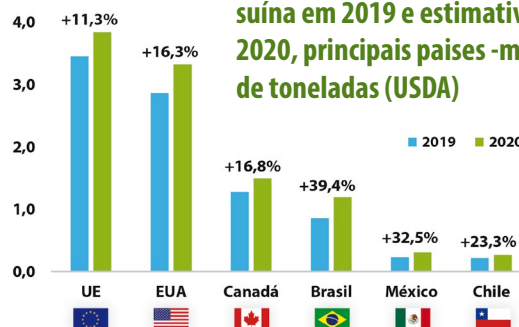


Figura 04. Importações de carne suína pela China, volume e participação nas exportações entre 2016 e 2019 e estimativas para 2020 e 2021 (USDA)

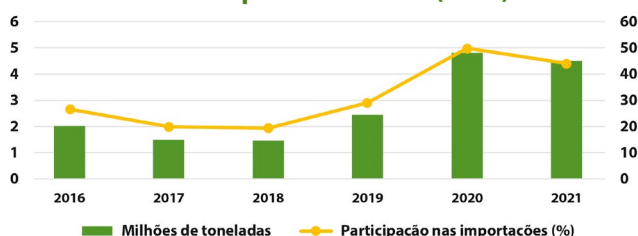
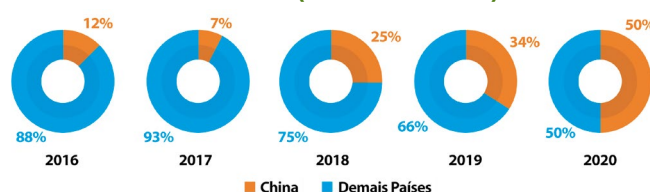


Figura 05. Participação da China nas exportações brasileiras de carne suína (AGROSTAT/MAPA)



As projeções do USDA apontam para uma redução de 100 mil toneladas nas exportações da União Europeia em 2021 (3,75 milhões de toneladas). Ou seja, uma redução de 2,6% em relação às exportações de 2020. Estados Unidos, a depender dos acordos com a China, devem manter as atuais quantidades exportadas. O Canadá deverá exportar 1,47 milhão de toneladas, volume 2% menor do que o exportado em 2020. As exportações de México e Chile, que haviam crescido substancialmente em 2019, devem desacelerar em 2021. O México deverá exportar 325 mil toneladas, aumentando em 4,8% a quantidade exportada em 2020. O Chile deverá embarcar 280 mil toneladas, crescendo apenas 1,8%. Chama a atenção o crescimento das exportações da Rússia, embora numa faixa ainda modesta de volume. Entre 2016 e 2020, os embarques do país cresceram, em média, 51% ao ano. Em 2021, embora com uma desaceleração em relação aos anos anteriores, as exportações da Rússia devem crescer 18% e alcançar 130 mil toneladas.

Tabela 01. Produção de carne suína nos principais países produtores, milhões de toneladas

	País	2016	2017	2018	2019	2020	Variação 20/19 (%)	Crescimento médio anual 2016-2020	Variação 21/20 (%) (projeção)
	China	54,26	54,52	54,04	42,55	38,00	-10,7	-9,2	9,2
	UE	23,87	23,66	24,08	23,96	24,00	0,2	0,2	0,6
	EUA	11,32	11,61	11,94	12,54	12,78	1,9	3,3	1,3
	Brasil	3,70	3,73	3,76	3,98	4,13	3,8	2,9	3,6
	Rússia	2,82	2,96	3,16	3,32	3,52	5,9	5,8	2,3
	Vietnã	2,70	2,74	2,81	2,38	2,24	-5,9	-5,0	4,9
	Canadá	1,91	1,96	1,96	2,00	2,11	5,5	2,2	0,0
	México	1,21	1,27	1,32	1,41	1,46	3,7	4,9	4,1
	Filipinas	1,54	1,56	1,60	1,59	1,28	-19,6	-3,6	5,9
	Coreia do Sul	1,27	1,28	1,33	1,36	1,40	2,4	2,6	-5,8
	Japão	1,28	1,27	1,28	1,28	1,29	0,5	0,2	0,8
	Outros	5,47	5,50	5,66	5,61	5,69	1,3	1,0	1,2
	Total	111,34	112,06	112,94	101,98	97,88	-4,0	-3,5%	4,4

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do USDA

AS EXPORTAÇÕES DO BRASIL

A suinocultura brasileira atingiu patamares recordes de produção e exportação ao final de 2019, potencializando sua competitividade internacional em custos, demonstrando a ótima condição sanitária dos rebanhos e a qualidade e aceitação dos produtos no mercado externo. Este crescimento respondeu a uma crescente demanda ainda puxada pelos efeitos dos surtos de PSA, iniciados em 2018 na China e outros países asiáticos, conforme discutido anteriormente. O USDA projeta que as exportações brasileiras cheguem a 1,2 milhões de toneladas em 2020. Crescimento de 39,4% em relação aos embarques de 2019.

Entre janeiro a outubro de 2020, as exportações para a China cresceram 119% em relação ao mesmo período de 2019, atingindo mais de 420 mil toneladas. Em quantidade, o aumento foi de 230 mil toneladas. A participação da China nas exportações brasileiras cresceu de forma acentuada a partir de 2016. Em 2020, considerando os embarques acumulados até outubro, a China adquiriu 50% da quantidade exportada pelo Brasil (Figura 05). As exportações para Hong Kong aumentaram 8,3% em 2020 e chegaram a 143,3 mil toneladas até o mês de outubro (Figura 06). As vendas para Cingapura, que haviam recuado em 2019,

apresentaram forte recuperação (+56%) em 2020, acumulando 46 mil toneladas. Em termos relativos, o destino com maior crescimento nas exportações em 2020 foi o Vietnã, que também reorganiza sua produção em função das perdas decorrentes dos surtos de PSA. Até outubro, os embarques aumentaram 215% e atingiram 37 mil toneladas. Na América do Sul, Chile e Uruguai vinham aumentando as compras de carne suína brasileira até 2019. No entanto, em 2020, as vendas para o Chile diminuíram 11,8% com 34 mil toneladas embarcadas até outubro. Os embarques para o Uruguai diminuíram 6,9% e somaram 32 mil toneladas no mesmo período. A Argentina vem reduzindo as compras do Brasil. O país que havia importado 38 mil toneladas em 2018, comprou próximo de 30 mil toneladas em 2019. Em 2020, os embarques acumulados até outubro chegaram

apenas a 15 mil toneladas. Estes números refletem a forte crise econômica enfrentada pelo país, com elevada taxa de desemprego e redução de renda. O volume total exportado para Chile, Uruguai e Argentina, até outubro, chegou a 81 mil toneladas. Este volume é 15,6% menor do que o exportado até o mesmo período de 2019. As exportações para Angola, importante comprador no mercado africano, estavam em ascensão até 2018, ano em que o Brasil enviou 40,2 mil toneladas. No entanto, em 2019 as quantidades caíram para 27 mil toneladas. Em 2020 as exportações somaram 23,6 mil toneladas até o mês de outubro.

As quantidades exportadas para o Japão em 2020, que chegaram a 9,5 mil toneladas até outubro, mais que dobraram em relação a 2019. O Japão é um importante importador conhecido por elevados níveis de exigência em qualidade e apresentação de produtos e pela melhor remuneração neste mercado. Este crescimento demonstra a capacidade do Brasil de atender os mercados mais exigentes. Neste contexto, o Brasil também vem também ampliando as vendas para a Coreia do Sul. Os embarques para este país aumentaram 89,4% até outubro e chegaram a 8,1 mil toneladas. Em 2019 o Brasil havia retomado as vendas de carne suína para a Rússia e exportou 35,5 mil toneladas para aquele país. Em 2020, a

quantidade exportada até o mês de outubro era de apenas 101 toneladas. A Rússia está investindo na sua autossuficiência produtiva e se configurando em exportadora líquida, conforme comentado anteriormente. Portanto, o país que em passado recente chegou a concentrar mais de 40% das exportações brasileiras, parece estar encerrando seu papel como comprador da carne suína do Brasil. Assim, a participação média do Brasil nas exportações mundiais, que entre 2016 e 2019 foi de 9,4%, deve chegar a 11% em 2020. O país também aumentou a participação relativa das exportações em relação a sua produção total, índice que deve chegar a 29% em 2020, confirmando-se as projeções do USDA. No período entre 2016 e 2019, o Brasil exportou, em média, 21% de sua produção. O USDA projeta que o Brasil exportará 1,5 milhão de toneladas em 2021, aumentando em 4,2% as exportações estimadas para o ano de 2020. Em 2019, o aquecimento na demanda no mercado externo proporcionou também aumento no valor das exportações do Brasil. Naquele ano, em que as quantidades exportadas cresceram 19% as receitas em dólar somaram US\$ 1,6 bilhão e o valor médio da tonelada exportada foi de US\$ 2.145,00, representando um acréscimo de 14,6% em relação aos preços médios de 2018. Em 2020, em que pese o aumento de 40% nas quantidades exportadas (até outubro), as receitas por tonelada tiveram um crescimento mais moderado, com o valor médio atingindo US\$ 2.210,00. Este valor é 5,6% maior do que o valor médio do mesmo período de 2019 (AGROSTAT/MAPA). A Figura 07 apresenta as variações de preços nos principais destinos da carne suína brasileira.

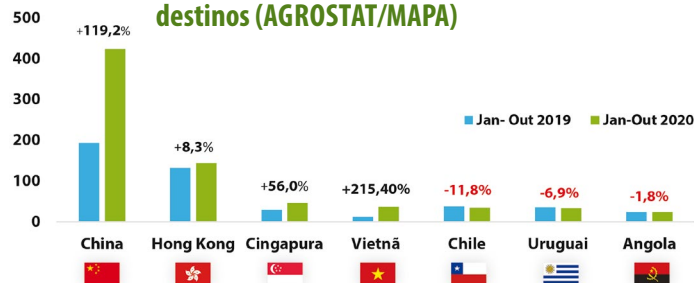
Em termos absolutos, as receitas cambiais acumuladas até outubro foram de US\$ 1,86 bilhão, representando um incremento de US\$ 595,2 milhões (+46,8%) em relação ao mesmo período de 2019.

A desvalorização cambial, que se intensificou em 2020, causa um grande impacto nas receitas em reais. As receitas das exportações somaram até o mês de outubro de 2019, R\$ 4,86 bilhões. Em 2020, estas receitas somaram R\$ 10,22 bilhões (+103%), no mesmo período. Os valores em reais foram calculados com base em dados do Banco Central referente a taxa de câmbio para o final de junho de 2019 (R\$ 3,83) e junho de 2020 (R\$ 5,48).

O MERCADO INTERNO DAS CARNES

A pandemia da Covid-19, que chegou ao Brasil nos primeiros meses de 2020, criou um cenário de incertezas nos contextos da saúde pública e da atividade econômica. A produção agrícola foi considerada atividade essencial e, com a adoção de uma série de medidas de precaução, operou dentro da normalidade. O setor de transporte e logística, fundamental para viabilizar a produção e a distribuição dos bens de consumo, se manteve em atividade, evitando uma crise econômica de maior proporção. As indústrias

Figura 06. Exportações brasileiras de carne suína em milhares de toneladas - principais destinos (AGROSTAT/MAPA)



de abate e processamento, em especial, implementaram protocolos e medidas segurança visando continuar as atividades, protegendo a saúde dos trabalhadores e assegurando a inocuidade dos produtos.

Do ponto de vista do consumo de alimentos, onde as carnes estão incluídas, os reflexos negativos da pandemia decorreram do fechamento dos restaurantes, bares e hotéis, concentrando o suprimento nos supermercados, com foco em produtos de menor valor agregado, como por exemplo os cortes, que não incorporam nos preços os custos de serviços como preparação e operação dos estabelecimentos de consumo.

O governo federal implementou algumas medidas para mitigar a crise econômica decorrente da pandemia. A criação do auxílio emergencial e a flexibilização das medidas de isolamento permitiram uma recuperação, mesmo que parcial, da renda dos consumidores e evitou um colapso na demanda interna por alimentos. A Figura 08 ilustra, com dados do IEA-SP, para o atacado em São Paulo, o comportamento dos preços das três principais carnes, bem como as oscilações que ocorreram entre janeiro de 2019 e outubro de 2020. A evolução do preço da carne suína reflete o efeito da pandemia, mostrando queda dos preços entre os meses de março e abril de 2020 e o início de uma forte recuperação a partir de maio, atribuída, em grande parte, ao crescimento das exportações para a China. Nos últimos meses de 2020, a carne suína, assim como as demais, alcançou preços nunca antes observados. O preço médio da carcaça no período de janeiro a outubro (R\$ 8,72/kg) foi 30% acima do observado no mesmo período de 2019. No entanto, na comparação apenas entre os preços de outubro de 2020 (R\$ 12,38/kg) e 2019 (R\$ 7,64/kg), a diferença é de 62%.

A carne de frangos é a de menor valor e mostrou maior estabilidade de preço no mercado interno. A pequena elevação de preços que mostra no segundo semestre de 2020 decorre dos altos preços do milho e farelo de soja, ingredientes da alimentação dos animais e importantes componentes dos custos de produção

Figura 07. Preços da carne suína brasileira em diferentes destinos, US\$ por tonelada (AGROSTAT/MAPA)

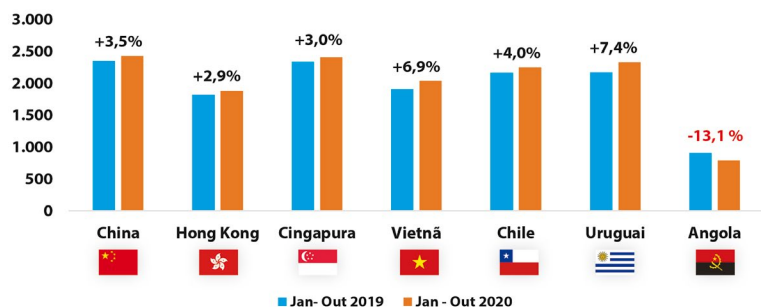
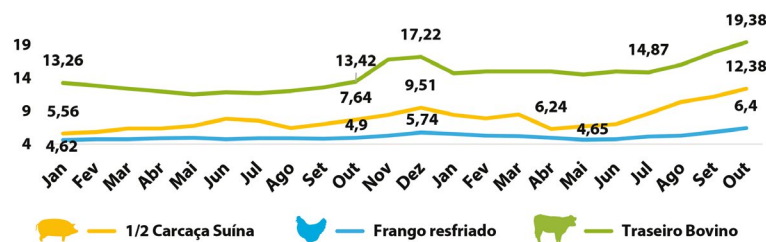


Figura 08. Preços das carnes em R\$/kg no atacado de São Paulo 2019-2020 (IEA-SP)



do setor. A carne bovina, mais nobre e de maior preço, tem um ciclo mais longo de produção e oferta mais inelástica que as demais carnes. Esta carne tem se beneficiado da forte demanda de importadores, com reflexo direto na acentuada e contínua elevação dos preços do produto ao longo de toda a cadeia produtiva, em especial nesta segunda metade do ano de 2020.

OS PRINCIPAIS INSUMOS

Os preços do milho no Brasil já apresentavam forte viés de alta no segundo semestre de 2019 e estão, atingindo neste final de 2020, patamares históricos (Figura 09). Seu preço foi impulsionado pelo crescimento das exportações, pela demanda interna para a produção animal, produção de etanol e a forte desvalorização no câmbio.

O indicador de preços Cepea/Esalq de outubro de 2020 para a região de Campinas-SP teve cotação média de R\$ 72,71 por saca de 60 kg, valor 75% acima do de outubro de 2019. Altas ainda maiores foram observadas em regiões onde o grão é utilizado na produção de suínos e aves, por exemplo: Chapecó (+78%); Passo Fundo (+84%); Cascavel (+85%) e Rio Verde (+93%). Em novembro o preço do grão continuou a subir e a média mensal do indicador chegou a R\$ 80,48, com máxima diária de R\$ 81,41. O preço do milho apresentava discreta queda ao final de novembro, chegando em R\$ 78,31, influenciada por uma pequena valorização do real.

A produção brasileira de milho tem crescido nos últimos anos. De acordo com a Conab, a safra de 2020 deve ser de 102,5 milhões de toneladas, 2,6% acima da produção de 2019. A safra de 2021 deverá crescer 2,3% e alcançar 104,9 milhões de toneladas, apesar de uma redução de 2% na área plantada na primeira safra. O consumo interno em 2019 foi 69,7 milhões de toneladas com importações de 1,6 milhão de toneladas. Em 2020, o consumo deve chegar a 71,8 milhões de toneladas e as importações deverão ser menores (950 mil toneladas) devido aumento de produção no ano de 2020. Os estoques de passagem 20/21 devem ser de 9,5 milhões de toneladas, cerca de 10% menores que os de 19/20. Em 2019, segundo dados do AGROSTAT/MAPA, as exportações do grão chegaram a 42,7 milhões de toneladas. Em 2020, as exportações de janeiro a outubro atingiram cerca de 25 milhões de toneladas, permitindo projetar exportações próximas de 30 milhões de toneladas para o ano.

As incertezas climáticas, especialmente para o Sul do Brasil, que ocasionaram atrasos no plantio e podem implicar perdas de produtividade, afetaram as cotações no final de 2020. No mercado interno, no futuro próximo, a demanda pelo grão deverá ser sustentada principalmente pela expansão da produção de suínos, e em menor intensidade também pela de aves.

O farelo de soja, outro insumo importante na alimentação e nos custos de produção, também apresentou forte elevação de preços em 2020 (Figura 10). Os preços foram sustentados devido à elevação nas exportações de soja, que devem alcançar 83 milhões de toneladas, crescendo 12% em relação a 2019, bem como à demanda interna onde o grão é utilizado na nutrição animal, produção de biodiesel e outros produtos.

Nas regiões de Chapecó, Passo Fundo e Cascavel, por exemplo, os preços médios do período de janeiro a novembro de 2020 aumentaram entre 45% e 50%, em relação ao mesmo período de 2019. Na região de Rio Verde o aumento foi 56%. No entanto, comparando-se cotações médias mensais de novembro de 2020, em relação ao mesmo mês de 2019, verifica-se um aumento de 111% em Chapecó, 106% em Passo Fundo, 108% em Rio Verde e 123% na região de Cascavel. Os preços do farelo continuaram a subir nas primeiras semanas de novembro – com a cotação diária da tonelada chegando a R\$ 2.850,00 na região de Chapecó e R\$ 3.220,00 em Cascavel, por exemplo – e apresentavam discreta queda na última semana do mês em função da valorização do real. Os baixos estoques, a forte

Figura 09. Preço do Milho R\$/saca 60 kg em diferentes regiões, jan 2019-out 2020 -(Cepea/Esalq)

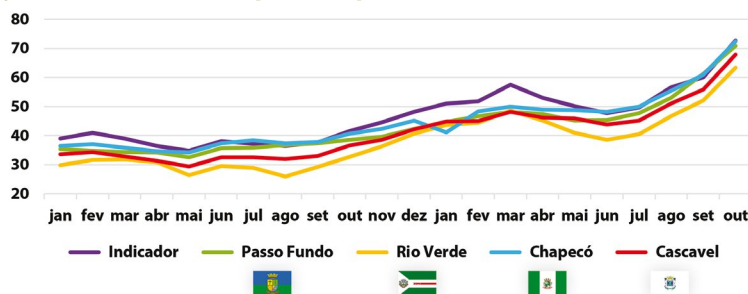
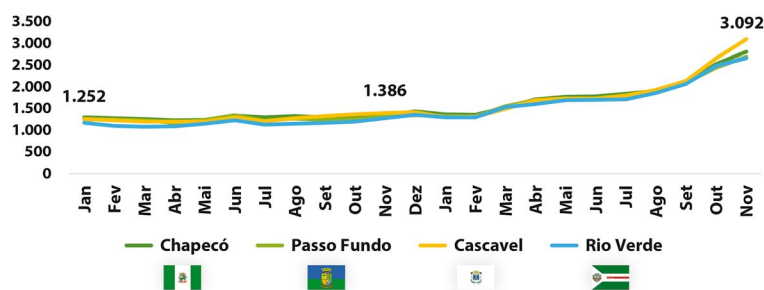


Figura 10. Preço do farelo de soja, R\$/tonelada, diferentes regiões, 2019-2020 (Conab)



demanda das cadeias de proteína animal e a elevada exportação de soja devem sustentar os preços do farelo em 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2021 demandará atenção a fatores que serão preponderantes para o desempenho da cadeia produtiva. A vacinação contra a Covid-19 será fundamental para ajudar conter os impactos negativos e o cenário de incertezas que a pandemia tem lançado sobre toda a atividade econômica com reflexos globais no emprego, na renda e consumo. As relações comerciais entre Estados Unidos e China, a partir das eleições de novembro, também configuram um cenário de incertezas com possíveis influências na taxa de câmbio e reflexos para o agronegócio brasileiro, que tem a China como principal parceiro comercial.

Em 2020 o Brasil enfrentou um cenário de elevação de gastos públicos por conta do enfrentamento da pandemia. A criação do auxílio emergencial e a flexibilização das medidas de isolamento permitiram uma recuperação parcial da renda dos consumidores e de toda atividade econômica. Mesmo assim, o consumidor enfrentou uma elevação nos preços de alimentos. No caso das carnes esta inflação refletiu a desvalorização cambial e a forte demanda das exportações puxadas especialmente pela China. A retomada da economia depende do controle sobre avanço da pandemia, nas políticas e nas reformas que melhorem o equilíbrio

fiscal do país. Estas medidas são essenciais para reduzir incertezas e alavancar investimentos sustentáveis geradores de empregos, renda e divisas. O quadro geral da economia indica que, em 2021, o setor das carnes deverá ter preços sustentados pela demanda interna e pelas exportações. A China, apesar de estar recuperando sua capacidade produtiva e tender a reduzir suas importações deverá se manter como a grande compradora do mercado global e do Brasil. Os preços das carnes refletirão um cenário que inclui recordes de produção por um lado e recordes de exportações por outro. A recuperação da produção chinesa de carne suína, por exemplo, está focada em investimentos em sistemas de produção altamente tecnológicos, com a eliminação de rebanhos de menor escala e pouco tecnificados. Esta reconfiguração implica num aumento substancial da demanda por grãos e derivados utilizados na nutrição animal e mantém a pressão sobre o preço internacional destas commodities.

É inegável a importância da China como parceiro comercial do Brasil. Atualmente o país absorve 50% das vendas externas brasileiras de carne suína. No entanto, a recuperação da produção interna da China pode implicar a médio e longo prazo na redução das suas importações. Assim, é importante que o setor mantenha os esforços para aumento do consumo interno, manter e ampliar os atuais mercados e buscar novos compradores para o produto brasileiro.

As perspectivas de curto e médio prazos são positivas para o setor de produção dos grãos, mas preocupantes no que se refere aos custos de alimentação dos rebanhos nas cadeias de proteína animal. Estas cadeias, mais do que nunca, deverão desenvolver e manter mecanismos de gestão da produção e estratégias de proteção de preços, em especial dos ingredientes das rações. Por outro lado, os agentes dessas cadeias podem prospectar alternativas que estimulem o cultivo de outros cereais que possam substituir o milho e a soja na alimentação dos animais. A Embrapa identificou os cereais de inverno como alternativas para diminuir essa dependência e aproveitar as terras agricultáveis não usadas no inverno para esses cultivos destinados a alimentação animal. Ao mesmo tempo, a instituição vem articulando parcerias com diferentes segmentos do setor produtivo no sentido de avaliar e validar técnica e economicamente estas alternativas. ¹

¹Pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves